

invencível

stanislaw lem

Tradução de Adriana Duarte



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

CHUVA NEGRA



O *Invencível*, um cruzador de segunda classe, a maior unidade de que a frota estacionada na constelação de Lira dispunha, deslocava-se em sequência de fotões através de um quadrante situado bem na orla daquele grupo de estrelas. Os oitenta e três membros que constituíam a tripulação dormiam na câmara de hibernação em forma de túnel, no convés central. Sendo uma viagem de curta duração, em vez de hibernação completa optou-se pelo sono profundo, em que a temperatura do corpo nunca descia abaixo dos dez graus. Na ponte de comando apenas trabalhavam autómatos. Na mira do seu campo de visão encontrava-se o disco de um sol, pouco mais quente do que uma anã vermelha normal. Quando o seu círculo ocupou metade da largura do ecrã, o reator de aniquilação foi desligado. Por alguns momentos, na aeronave reinou apenas o silêncio. Os aparelhos de ar condicionado e as máquinas digitais continuaram a trabalhar sem fazer ruído. Deixou de se sentir a vibração mais suave que acompanhava o feixe luminoso que há momentos fluía da popa e que, como se fosse uma espada infinita mergulhada na escuridão, impulsionava a aeronave

em frente. O *Invencível* continuou a mover-se quase à velocidade da luz: inerte, silencioso e aparentemente vazio.

Depois, as luzes dos painéis de controlo começaram a piscar umas para as outras nas consolas que refletiam o brilho rosado do sol distante, que enchia o ecrã central. As bandas ferromagnéticas começaram a trabalhar, os programas foram lentamente puxados por um equipamento a seguir a outro, os interruptores produziram faíscas e a corrente fluiu pelos fios com um zumbido que ninguém conseguia ouvir. Os motores elétricos, superando a resistência do lubrificante que há muito tempo não era usado, entraram em funcionamento e dos tons baixos subiam a altos lamentos. Varetas de cádmio baças deslizaram para fora dos reatores auxiliares, bombas magnéticas bombearam sódio líquido para dentro das bobinas de arrefecimento e um tremor perpassou pelo chão de metal dos conveses de popa e ao mesmo tempo ouviu-se um grunhido ténue no interior das paredes, como se ali pairassem manadas inteiras de pequenos animais que batessem com as suas garras no metal, indicando que os controlos móveis de autorreparação já tinham iniciado a sua viagem de muitos quilómetros para verificar a resistência do casco e a integridade de cada uma das juntas metálicas. A nave inteira enchia-se de murmúrios, de movimento, acordando aos poucos, e apenas a sua tripulação ainda permanecia a dormir.

Até que um dos autómatos engoliu a sua banda programática e emitiu um sinal para o centro de controlo da câmara de hibernação. A brisa do ar fresco misturou-se com o gás para despertar. Das grades localizadas no chão, entre as filas de beliches, soprou um ar quente. Mas parecia que as pessoas não tinham vontade de acordar. Algumas moviam as mãos involuntariamente; delírios e pesadelos preenchiam o vazio do seu sono gelado. Finalmente, uma delas abriu os olhos. A nave já estava preparada. Alguns minutos antes, a escuridão dos longos corredores, dos poços dos elevadores, das cabinas, da sala de comando, dos postos de trabalho e das câmaras de pressão tinha sido dissipada por uma luz branca e artificial. E enquanto o murmúrio de suspiros humanos e gemidos semiconscientes enchia a câmara de hibernação, a nave, como se mal pudesse esperar pelo acordar da tripulação, começou

a manobra inicial de desaceleração. No ecrã central viram-se raios de fogo a sair da proa. A quietude da viagem feita numa velocidade abaixo da da luz foi quebrada por uma trepidação quando os poderosos foguetes da proa lutaram contra as dezoito mil toneladas de massa do *Invencível* em repouso, multiplicadas agora pela sua enorme velocidade. Os mapas guardados nas cabinas cartográficas balançaram, inquietos, nos rolos. Aqui e ali moviam-se, como se fossem vivos, vários objetos que não tinham sido devidamente presos; ouviu-se o chocalho de louça nas cozinhas, os encostos das poltronas de espuma vazias abanaram, as cordas e as faixas ao longo das paredes começaram a balançar. Os sons misturados de vidro, chapa e plástico, como uma onda, atravessaram a nave desde a proa até à popa. Entretanto, na câmara de hibernação, já se ouvia o ruído de vozes; após sete meses de uma imersão vazia, após um sono curto, as pessoas voltavam novamente a despertar.

A nave perdia velocidade. O planeta tapava as estrelas; estava rodeado por nuvens vermelhas, parecidas com lã. O espelho convexo de um oceano, no qual o sol se refletia, movia-se cada vez mais lentamente. No campo de visão apareceu um continente de cor bege, decorado com crateras. Nos seus postos nos vários conveses, as pessoas não conseguiam ver nada. Muito abaixo delas, nas entranhas construídas em titânio da sala das máquinas, ouvia-se um rugido abafado, uma poderosa atração gravitacional empurrava os ponteiros das alavancas. As nuvens que tinham ficado ao alcance dos foguetes tornaram-se prateadas devido à explosão do mercúrio, depois espalharam-se e desapareceram. O rugido dos motores intensificou-se por uns momentos. O disco avermelhado achatou-se: o planeta transformava-se em terra. Já se conseguia ver as dunas em forma de meia-lua perseguidas pelo vento; estrias espalhando-se como os raios de uma roda saíam da cratera mais próxima, iluminada pelo fogo saído do cone do nariz do foguete, mais forte do que a luz solar.

— Toda a potência do eixo. Impulso estático.

Os ponteiros deslizaram preguiçosamente para o sector adjacente da escala. A manobra decorreu impecavelmente. A nave, como se fosse um vulcão invertido que lançasse fogo, ficou suspensa cerca de meia

milha acima da superfície esburacada, onde partes de rochas se encontravam meio afundadas na areia.

— Toda a potência do eixo. Diminuir impulso estático.

Já se conseguia ver o local onde a explosão dos motores a jato atingira verticalmente o solo. Era onde se levantava uma tempestade de areia vermelha. Da popa foram disparados raios violeta, que pareciam ser insonoros, porque o barulho dos gases absorvia o rugido mais forte dos motores. A diferença de potenciais nivelou-se, os raios desapareceram. Uma das paredes da proa emitiu um rangido. O comandante apontou com a cabeça na direção dela, ao mesmo tempo que olhava para o engenheiro: ressonância. Aquilo tinha de ser resolvido. Mas ninguém disse nada, as máquinas uivavam, a nave descia, agora sem uma única vibração, como uma montanha de aço pendurada por cordas invisíveis.

— Meia potência do eixo. Impulso estático reduzido.

As ondas de areia do deserto, formando anéis redondos parecidos com os carneiros do mar, corriam em todas as direções. O epicentro, atingido de perto pela chama indisciplinada dos jatos, já não deitava fumo. A areia desapareceu, transformando-se num espelho vermelho, num lago fervente de sílica derretida, uma pilha de explosões barulhentas, até que evaporou. O basalto velho do planeta, exposto como um osso, começou a amolecer.

— Pilhas atômicas em estado neutro. Corrente fria.

O azul do fogo atômico desvaneceu-se. Dos jatos situados no cone do nariz da nave jorraram raios oblíquos de boranos e, num relance, o deserto, as paredes das crateras de rocha e as nuvens acima delas foram inundadas por um verde fantasmagórico. Já não havia perigo que o solo de basalto onde era suposto assentar a popa larga do *Invencível* derretesse.

— Pilhas a zero. Corrente fria para aterragem.

Todos os corações começaram a bater mais vigorosamente, as cabeças inclinaram-se sobre os instrumentos, as alavancas foram agarradas com força por palmas transpiradas. Aquelas palavras consagradas pelo tempo significavam que já não havia retorno, que os pés iam pisar terra

real, mesmo que fosse apenas areia num globo deserto, mas lá havia nascer e pôr do sol, horizonte e nuvens, e vento.

— Ponto de aterragem no nadir.

A nave encheu-se de um gemido contínuo de turbinas comprimindo a unidade de transporte. Uma coluna de fogo verde, cónica, ligou a nave à rocha fumegante. De todos os lados levantaram-se nuvens de areia ofuscando os periscópios dos conveses centrais, e só na sala de comando é que os ecrãs dos radares, ligando-se e desligando-se com o sinal circular, continuaram a mostrar uma paisagem mergulhada num caos semelhante a um tufão.

— Desligar os motores no momento do contacto.

O fogo agitava-se rebeldemente sob a popa, comprimido, milímetro a milímetro, pelo corpo do foguetão que deslizava sobre ele; o inferno verde lançou línguas compridas de fogo para dentro das trémulas nuvens de areia. O espaço entre a popa e o basalto queimado da rocha passou a ser uma ranhura estreita, uma linha de luz verde.

— Zero e zero. Todos os motores parados.

Ouviu-se um sino: um único toque, como o de um coração enorme, partido. A nave parou. O engenheiro principal estava de pé, com ambas as mãos nas alavancas dos jatos de emergência, no caso de a rocha ceder. Ficaram à espera. Os ponteiros dos cronómetros continuavam a oscilar com o seu ritmo de passo de inseto. O comandante olhou por uns momentos para o indicador vertical; a sua luz prateada não se desviou, nem por um pouco, do zero vermelho. Permaneciam em silêncio. Os bocais dos jatos, que ficaram vermelhos com o calor, começaram a contrair-se, emitindo uma série de sons característicos parecidos com um gemido rosnado. A nuvem vermelha que se levantara a umas centenas de metros começou a assentar e ia emergindo o topo contundente do *Invencível*, os seus lados, escurecidos devido à fricção atmosférica e assim parecidos com a própria rocha antiga; depois a sua couraça dupla, rugosa. A poeira avermelhada ainda rodopiava e girava à popa, mas a nave ficou imobilizada de vez, como se agora fizesse parte do planeta e desde há séculos rodasse com a sua superfície num movimento preguiçoso sob um céu violeta onde as

estrelas mais brilhantes permaneciam visíveis, apenas se desvanecendo nas proximidades do sol vermelho.

— Procedimento normal?

O comandante, focado no diário de bordo onde a meio da folha tinha colocado o habitual sinal de aterragem, a hora e a indicação do nome do planeta, Regis III, endireitou-se.

— Não, Rohan. Começaremos pelo grau três.

Rohan tentou disfarçar a sua surpresa.

— Sim, senhor. Todavia... — acrescentou com uma familiaridade que Horpach já por várias vezes lhe permitira — não queria ser eu a anunciá-lo aos outros.

O comandante, como se não tivesse ouvido as palavras do seu subordinado, pegou no seu braço e levou-o para junto do ecrã como se o levasse para uma janela. A areia dispersa para os lados pela força do jato de aterragem formara um vale rodeado por dunas que se desmoronavam. De uma altura de dezoito andares observaram, através de uma superfície tricolor composta por impulsos eletrónicos que criavam uma imagem fidedigna do mundo exterior, a beira rochosa e irregular da cratera, a três milhas de distância. A oeste recuava para lá do horizonte. A leste, sombras escuras e impenetráveis acumulavam-se sob as ravinas íngremes. Os largos rios de lava, cujos topos sobressaíam das areias, tinham a cor de sangue seco. Uma estrela brilhante atravessou o céu perto da orla superior do ecrã. A agitação provocada pela descida do *Invencível* passou. O vento do deserto, um sopro indomável que fluía constantemente das zonas equatoriais para o polo do planeta, já conseguira juntar as primeiras línguas de areia por baixo da popa da nave, como se tentasse sarar a ferida causada pelo fogo dos jatos. O comandante ligou a rede de microfones externos por um momento e um uivo virulento, distante, misturado com o som da areia a deslizar pela couraça da nave, encheu o espaço alto da sala de comando. Depois desligou os microfones e o silêncio voltou.

— É este o aspeto dele — disse devagar. — Mas o *Condor* não voltou daqui, Rohan. — O outro contraiu a mandíbula. Não podia discutir com o seu comandante. Voara com ele ao longo de muitos parsecs, mas

nunca tinham chegado a ser amigos. Talvez a diferença de idades tivesse sido demasiado acentuada. Ou os perigos passados juntos tivessem sido demasiado pequenos. Aquele homem de cabelo tão branco como a sua roupa era intransigente. Cerca de cem homens permaneciam imóveis nos seus postos após o trabalho intenso que tinha precedido a aproximação: trezentas horas de desaceleração de energia cinética acumulada em cada átomo do *Invincível*, entrada em órbita, aterragem. Quase cem homens que há meses não ouviam o som do vento e que aprenderam a odiar o vácuo como só o odeia aquele que o conhece. Mas não era nisso que o comandante pensava. Lentamente, atravessou a sala de comando e, pousando a mão na cadeira, levantada já para um novo nível, murmurou:

— Não sabemos o que aquilo é, Rohan. — E de repente, levantando a voz: — De que está à espera?

Rohan aproximou-se rapidamente das consolas de comando, ligou o intercomunicador e, com uma voz que ainda escondia uma desaprovação reprimida, disse bruscamente:

— Atenção, todos os níveis! Aterragem concluída. Procedimento no solo de grau três. Oitavo nível: preparem os energobôs. Nono nível: ativar as baterias de proteção. Técnicos de campo de força aos seus postos. O resto da tripulação: aos respetivos postos de trabalho. Câmbio e desligo.

Tinha a sensação que, à medida que falava, fixando os olhos na luz verde do amplificador de áudio que piscava com a modulação da sua voz, via como as suas caras transpiradas congelavam com espanto e raiva, levantadas na direção dos altifalantes. Só agora é que se deviam ter apercebido, só agora começavam a praguejar...

— Procedimento no solo de grau três a decorrer, comandante — disse, evitando olhar para o homem mais velho.

Este virou-se para ele e, inesperadamente, sorriu com o canto da boca:

— É apenas o início, Rohan. Talvez mais tarde haja passeios ao pôr do sol. Quem sabe...

Tirou um volume alto e estreito de um pequeno armário da parede,

abriu-o, colocou-o entre as inúmeras alavancas da consola branca e perguntou:

— Leu isto?

— Sim.

— O último sinal deles, registado pelo sétimo hipertransmissor, chegou à boia mais próxima da base há mais de um ano.

— Sei o seu conteúdo de cor. «Aterragem no Regis III terminada. Planeta desértico tipo sub-Delta 92. Descemos à terra seguindo o procedimento dois na zona equatorial do continente da Ewana.»

— Sim. Mas essa não foi a última mensagem.

— Eu sei, senhor. Quarenta horas mais tarde, o hipertransmissor registou uma série de impulsos como se fossem emitidos em código Morse mas sem que fizessem qualquer sentido e depois... por várias vezes repetiam-se uns sons estranhos. O Haertel chamou-lhes «miar de gatos puxados pelas caudas».

— Sim... — disse o comandante, mas era evidente que não estava a ouvir. Estava outra vez em frente ao ecrã. No limite do campo de visão, junto do foguetão, apareceram os suportes em forma de tesoura da rampa, por onde estavam a descer, como num desfile, um atrás do outro, energobôs, máquinas de trinta toneladas revestidas de uma armadura de silicone à prova de fogo. À medida que iam descendo, as suas carapaças iam abrindo aos poucos e, ao mesmo tempo, subiam, o que fazia com que o espaço entre eles aumentasse; deixavam a rampa, imergindo na areia funda, mas continuavam a caminhar firmemente, lavrando as dunas criadas recentemente pelo vento à volta do *Invincível*. Dispersavam alternadamente para um dos lados, e, passados dez minutos, todo o perímetro da nave ficou rodeado por um anel de tartarugas de metal. Quando pararam, cada um enterrou-se progressivamente na areia até desaparecer e apenas manchas luminosas regularmente distribuídas pelas encostas das dunas vermelhas indicavam os lugares de onde sobressaíam as torres com transmissores de Dirac. O chão de aço da sala de comando, coberto de plástico, vibrou debaixo dos pés da tripulação. Um arrepio, rápido como um relâmpago, expressivo apesar de quase impercetível, percorreu os seus corpos e desapareceu. Apenas por

uns breves momentos sentiram ainda um formigueiro nos maxilares e a sua visão desfocada. Este fenómeno não durou nem meio segundo. Regressou o silêncio, interrompido pelo murmúrio distante de motores que começaram a trabalhar nos pisos inferiores da nave. O deserto, as rochas negras e avermelhadas, as ondas de areia a rastejarem preguiçosamente ficaram nítidos nos monitores e tudo parecia como dantes, exceto que agora a cúpula invisível do campo de forças estendia-se sobre o *Invincível*, impossibilitando o acesso à nave. Na rampa apareceram, descendo, caranguejos de metal, com as suas antenas rodando alternadamente para a direita e para a esquerda. Os inforrobôs, muito maiores do que os aparelhos que criavam o campo de força, tinham tronco achatado e pernas curvas que se estendem para os lados. Aterrando na areia e puxando as pernas como que com repugnância, os artrópodes espalharam-se e ocuparam lugares nos intervalos entre os energobôs. À medida que a operação de proteção da nave prosseguia, as luzes de controlo piscavam sob o vidro fosco na consola principal e os discos dos mostradores de impacto encheram-se de uma luz esverdeada. Era como se dezenas de grandes olhos de gato olhassem agora, imóveis, para os dois humanos. Todos os ponteiros repousavam no ponto zero, o que significava que nada tentava ultrapassar a barreira invisível do campo de forças. Apenas o medidor de energia subia cada vez mais alto, ultrapassando as linhas vermelhas de sucessivas leituras de gigawatts.

— Vou comer qualquer coisa lá abaixo. Supervisione o procedimento *standard*, Rohan! — disse Horpach com uma voz subitamente cansada, afastando-se do ecrã.

— Remotamente?

— Se faz questão, pode enviar alguém ou... pode ir sozinho.

Com estas palavras, o comandante abriu a porta e saiu. Por mais um momento Rohan ainda conseguiu ver a sua silhueta à luz fraca do elevador, que silenciosamente fluiu para baixo. Olhou para os indicadores do campo de forças. Zero. Na verdade, devia começar pela fotogrametria, pensou. Orbitar o planeta até conseguir reunir um conjunto completo de fotografias. Talvez assim conseguissem descobrir algo. Porque as observações visuais a partir da órbita não valiam de muito; os

continentes não eram o mar, nem todos os observadores no telescópio eram marinheiros no cesto da gávea. O problema é que obter um conjunto completo de fotografias demoraria cerca de um mês.

O elevador voltou. Entrou nele e desceu até ao nível seis. A plataforma grande em frente à câmara de pressão estava cheia de gente, que na verdade não tinham nada que fazer naquele sítio, sobretudo tendo em conta que os quatro sinos que anunciavam a hora da refeição principal se ouviam repetidamente havia pelo menos um quarto de hora. Os homens abriram alas diante dele.

— Jordan e Blank. Venham comigo tratar do procedimento.

— Fatos inteiros, senhor?

— Não. Apenas máscaras de oxigénio. E um robô. De preferência um dos arctanos, para que não fique preso nesta maldita areia. E vocês todos, porque estão aqui? Perderam o apetite?

— Tínhamos esperança de poder sair, senhor... ir a terra.

— Apenas por uns momentos...

Levantou-se um coro de vozes.

— Calma, rapazes. Há de chegar o tempo para excursões. Para já, temos o grau três.

Dispersaram-se com relutância. Entretanto, da plataforma elevatória emergiu o elevador com um robô, uma cabeça mais alto do que os homens mais altos. Jordan e Blank, já com os equipamentos de oxigénio, regressavam de carrinho elétrico. Observava-os encostado ao corrimão do corredor que agora, com o foguetão à ré, se tinha transformado num poço que descia até à primeira antepara das máquinas. Sentia, acima dele e debaixo dos seus pés, os múltiplos níveis da infraestrutura de metal; algures, lá no fundo, os transportadores silenciosos trabalhavam, ouvia-se o estalido ligeiro dos tubos hidráulicos e, das profundezas da plataforma elevatória, fluía uniformemente uma rajada de ar fresco, limpo, que vinha dos ares condicionados da sala das máquinas.

Dois homens que estavam a trabalhar na câmara de ar abriram-lhes a porta. Rohan verificou automaticamente a posição das tiras e se a máscara estava devidamente apertada. Jordan e Blank seguiram-no e depois a chapa de metal rangeu pesadamente sob os passos do robô.

Ouviu-se o silvo aterrador e prolongado do ar a ser sugado para o interior da nave. Abriu-se a escotilha exterior. A rampa das máquinas estava localizada quatro pisos abaixo. Para a tripulação havia um pequeno elevador, que já tinha sido destacado do casco da nave. A sua treliça chegava até ao topo da duna. A caixa do elevador era aberta de todos os lados. O ar não era muito mais frio do que no interior do *Invincível*. Entraram os quatro; os imãs foram destravados e o elevador desceu suavemente da altura de onze andares, passando pelas demais secções do casco. Rohan examinava automaticamente o seu estado. Não era muito frequente haver oportunidade de ver o exterior da nave fora da doca. Já passou por muito, pensou para si, ao ver riscos e furos deixados por meteoritos. Em alguns lugares, a blindagem havia perdido o brilho, como se tivesse sido corroída por um ácido forte. O elevador acabou a sua curta viagem, pousando ligeiramente na onda de areia. Saltaram e ficaram imediatamente enterrados na areia até aos joelhos. Apenas o robô, destinado ao trabalho em superfícies cobertas de neve, caminhava com um andar engraçado, de pato, mas ao mesmo tempo firme, com os seus pés caricaturalmente achatados. Rohan ordenou-lhe que parasse, enquanto ele e os outros observavam todas as saídas dos jatos montados na popa.

— Dava-lhes jeito um pequeno polimento e limpeza — disse. Foi apenas quando saiu de debaixo da popa que se apercebeu do tamanho da sombra que a nave lançava. Fazia lembrar uma estrada que se arastava pelas dunas agora fortemente iluminadas pelo sol baixo. Havia uma paz peculiar na regularidade das ondas de areia. Na sua base, as dunas tinham-se enchido de sombras azul-claras, enquanto os topos se cobriam com o cor-de-rosa do crepúsculo, um tom delicado e quente que lhe fez lembrar cores que outrora vira num livro infantil. Era tão suave, de uma forma tão irreal. Lentamente, deslocou o olhar de duna para duna, descobrindo sempre novos tons do brilho cor de pêssego; quanto mais longe se encontravam, mais vermelhos pareciam, entrecruzando-se com meias-luas de sombras escuras até um ponto em que se fundiam num cinzento amarelado, rodeando lajes de rochas vulcânicas nuas ameaçadoramente salientes. Ficou ali a olhar, enquanto os

seus homens, sem pressas, com movimentos automatizados pelos anos de prática, recolhiam amostras de ar e areia para dentro de pequenos recipientes e mediam a radioatividade do solo com uma sonda portátil, cujo mecanismo de perfuração era suportado pelo arctano. Rohan não prestava nenhuma atenção à movimentação dos outros. A máscara tapava-lhe apenas a boca e o nariz, tinha os olhos e toda a cabeça descoberta, uma vez que tinha tirado o capacete de proteção. Sentia o vento no cabelo, os grãos de areia que suavemente assentavam na sua face e, fazendo cócegas, entravam pela máscara até às bochechas. Rajadas inquietas abanavam as pernas do fato; o disco do sol, enorme, como que inchado, e que se podia olhar impunemente talvez por um segundo, estava agora localizado logo atrás do topo do foguetão. O vento soprava continuamente, o campo de forças não impedia o movimento de gases e por isso não podia ver onde se erguia, das areias, a sua parede invisível. Uma área enorme que conseguia abranger com o olhar não tinha vida, como se nunca nenhum humano tivesse posto o seu pé aqui, como se este não fosse o planeta que tinha engolido uma nave da classe do *Invencível* com uma tripulação de oitenta pessoas, um enorme e experiente marinheiro do vazio, capaz de libertar um bilião de megawatts de potência numa fração de segundo, transformando-o num campo de energia que não poderia ser penetrado por nenhum corpo material, ou concentrando-o em raios exterminadores da temperatura das estrelas que poderiam reduzir a pó uma cadeia de montanhas ou secar um oceano inteiro. E ainda assim fora aqui que desaparecera aquele organismo de aço, construído na Terra, fruto de séculos de desenvolvimento tecnológico, e desaparecera de forma desconhecida, sem rasto, sem um sinal de SOS, como se se tivesse dissolvido naquele vazio avermelhado e cinzento.

«E todo o continente parece igual», pensou. Lembrava-se bem dele. Lá de cima, vira a marca das crateras e o único movimento que existia entre elas era a passagem contínua, lenta, das nuvens que arrastavam as suas sombras pelas dunas sem fim.

— Atividade? — perguntou, sem se virar.

— Zero, zero e dois — respondeu Jordan, e levantou-se, deixando

de estar de joelhos. Tinha o rosto vermelho e os seus olhos brilhavam. A máscara distorcia o timbre da sua voz.

«Ou seja, menos que nada», pensou. Além disso, os outros não morreriam por um descuido tão grosseiro, os sensores automáticos fariam soar o alarme, mesmo que ninguém se preocupasse com os testes *standard*.

— Atmosfera?

— Setenta e oito por cento de azoto, dois por cento de argónio, zero de dióxido de carbono, quatro por cento de metano, o resto é oxigénio.

— Dezasseis por cento de oxigénio!? De certeza?

— De certeza.

— Radioatividade do ar?

— Praticamente zero.

Isto era estranho. Tanto oxigénio! Esta informação eletrizou-o. Aproximou-se do robô, que de imediato lhe mostrou uma lista com as leituras. «Talvez tivessem tentado não usar o equipamento do oxigénio», pensou, mas sabia que isso não faria nenhum sentido, pois era impossível ter acontecido. É verdade, às vezes acontecia que um dos homens, atormentado pelas saudades de casa, desobedecesse à ordem e tirasse a máscara, porque o ar à sua volta lhe parecia tão puro, tão fresco, acabando por ficar envenenado. Mas isso poderia acontecer a uma, talvez duas pessoas.

— Já têm tudo? — questionou.

— Sim.

— Então regressem — disse-lhes.

— E você?

— Vou ainda ficar mais um pouco. Regressem — repetiu impacientemente.

Queria ficar sozinho.

Blank agarrou na pega que prendia as alças dos vários recipientes e colocou-a ao ombro, Jordan passou a sonda ao robô e afastaram-se, caminhando com dificuldade na areia; o arctano seguiu-os, de trás parecendo um humano com uma máscara.

Rohan aproximou-se da duna mais afastada. De perto, sobressaindo

da areia, conseguiu ver a ponta alargada de um dos transmissores, que emitia o campo de força. Pegou numa mão-cheia de areia e atirou-a para a frente, não tanto para confirmar a sua existência, mas mais por um capricho infantil. A areia voou em linha reta e deslizou verticalmente para o solo, como se se deparasse com um vidro invisível, inclinado.

Tinha imensa vontade de tirar a máscara. Conhecia bem esta sensação. Cuspir a boquilha de plástico, arrancar as tiras da máscara e encher os pulmões de ar, até ao fundo...

«Estou a enlouquecer», pensou, e lentamente voltou-se para a nave. A gaiola do elevador estava à espera, vazia, com a plataforma suavemente pousada na duna; na sua ausência, o vento conseguira cobrir as chapas com uma fina camada de areia.

Uma vez no corredor principal do quinto convés, olhou para o ecrã informativo na parede. O comandante estava na cabina principal. Subiu.

— Numa palavra, idílico? — disse o comandante, resumindo o que Rohan lhe dissera. — Não há radioatividade, não há esporos, bactérias, fungos, vírus, nada, apenas oxigénio... De qualquer forma, temos de fazer análises às amostras.

— Já estão no laboratório. Talvez a vida aqui se tenha desenvolvido noutros continentes — observou Rohan, mas sem convicção.

— Duvido. A insolação fora da zona equatorial é fraca. Não viu a grossura das calotas polares? Aposto que há ali cerca de oito, se não dez quilómetros de cobertura de gelo. Talvez seja o oceano, umas algas marinhas quaisquer... Mas porque é que a vida não saiu de água para terra?

— Teremos de dar uma vista de olhos a esta água — disse Rohan.

— Ainda é cedo para perguntar aos nossos homens, mas o planeta parece-me muito antigo. Um ovo podre como este deve ter uns seis bilhões de anos. Além disso, o sol também já há algum tempo que passou o seu auge. É quase uma anã vermelha. Sim, a inexistência da vida em terra é mesmo curiosa. Talvez algum tipo específico de evolução que não suporte a seca. Pois. Isso explicaria a existência do oxigénio, mas não o caso do *Condor*.

— Se calhar, algumas formas de vida, alguns seres subaquáticos conseguiram criar uma civilização a essa profundidade — sugeriu

Rohan. Estavam ambos a olhar para um mapa grande do planeta, uma projeção de Mercator, impreciso, uma vez que fora desenhado com base em informação recolhida por sondas não tripuladas do século anterior. Mostrava apenas o contorno dos principais continentes e mares, a extensão das calotas polares e algumas das maiores crateras. Na rede de paralelos e meridianos entrecruzados via-se um ponto rodeado por um círculo vermelho, a oito graus de latitude norte — o lugar onde aterraram. O comandante moveu impacientemente o mapa sobre a mesa.

— Nem você acredita nisso — objetou. — O Tressor não podia ser mais estúpido do que nós, não se deixava superar por nenhuns seres subaquáticos. Que disparate. Além disso, se de facto existissem seres subaquáticos racionais, uma das primeiras coisas que fariam seria conquistar a terra. Até, digamos, em fatos preenchidos com água... Que disparate total — repetiu, não para aniquilar a ideia de Rohan, mas porque já pensava noutra coisa.

— Vamos ficar aqui por algum tempo — concluiu finalmente, tocando no canto inferior do mapa, que se enrolou com um estalido suave e desapareceu numa das gavetas horizontais da caixa de mapas. — Esperaremos e veremos.

— E se não? — perguntou Rohan cautelosamente. — Vamos procurá-los?

— Rohan, seja razoável. Seis anos estelares e isto... — O comandante estava à procura de um termo certo, mas não o conseguiu encontrar e substituiu-o por um gesto desdenhoso da mão. — O planeta tem o tamanho de Marte. Como é que os vamos procurar? Ou seja, procurar o *Condor* — corrigiu-se.

— Pois, sim, o solo é ferroso... — admitiu Rohan relutantemente. De facto, as análises realizadas tinham revelado quantidades significativas de óxidos férricos na areia. Sendo assim, os indicadores ferroindutivos eram inúteis. Não sabendo o que dizer, ficou calado. Estava convencido de que o comandante acabaria por encontrar uma solução. Afinal, não iriam regressar de mãos vazias, sem quaisquer resultados. Ficou à espera, observando as sobranceiras espessas de Horpach, que se destacavam da sua testa.